

30

Taça de chifre de rinoceronte

China
Século XVI (finais)
Chifre de rinoceronte
8 x 6,4 x 8,7 cm

Taça de chifre de rinoceronte entalhado, nas faces interior e exterior, em forma de flor de hibisco amarelo semi-aberto, o pistilo entalhado quase em vulto pleno erguendo-se desde o centro da flor - com o estilete e o estigma discoidal de cinco lóbulos claramente visíveis. Enquanto o pedúnculo e um botão de hibisco formam a base anelar vazada (de gavinhas floridas em alto relevo), a asa tem a forma de caules entrelaçadas com uma grande folha que se dobra sobre o rebordo da taça, oposta ao ligeiro bico. A flor, em oval, é delicada e minuciosamente entalhada, com suas cinco pétalas ligeiramente imbrincadas, unindo-se em espiral no centro interior, com o rebordo exposto de cada uma delas como que ligeiramente recurvas. A nossa taça, de chifre de rinoceronte de tom castanho escuro - possivelmente entalhada a partir do chifre posterior de um rinoceronte-de-sumatra ou *Dicerorhinus sumatrensis* - foi certamente tingida com noqueira, cascas de árvore e sépia, e depois polida com discos de pano e cinzas de haste de veado em pó, apresentando uma translúcida e cálida cor de canela. Conhecido na China por *huángshǔkuí* 黄蜀葵, o hibisco amarelo (**fig. 1**) ou *Abelmoschus manihot* (L.) Medic., tecnicamente um arbusto, é uma planta florida anual ou perene da família da malva (Malvaceae) e, embora considerada por muito tempo uma espécie de *Hibiscus*, é agora classificada no género *Abelmoschus*, sendo também conhecida por hibisco manihot. Apresentando folhas digitadas com cinco a nove folíolos triangulares e margens serradas, claramente visíveis na nossa taça, o hibisco amarelo floresce entre Agosto e Outubro no Centro-Sul e Sudoeste da China. Tanto as flores, como as sementes, folhas, caules e raízes do hibisco amarelo são utilizadas na medicina tradicional chinesa como analgésico, anti-inflamatório e antipirético.

Rhinoceros horn cup

China
Late 16th century
Rhinoceros horn
8 x 6.4 x 8.7 cm

A rhinoceros horn cup carved, both inside and out, in the shape of a half-open yellow hibiscus flower, the pistil mostly carved in the round, and rising inside from the centre of the flower - with the style and the five-lobed discoidal stigma clearly visible. While the stem and a bud form the openwork ringstand (flowering tendrils in high relief), the handle is in the shape of intertwined hibiscus stalks with a large leaf that folds over the lip of the cup opposite the slight spout. The oval-shaped bloom is delicate and minutely carved, with its five petals all overlapping and meeting in a whorl on the inside, with the exposed edge of each somewhat curled back on itself. The cup, of dark brown rhinoceros horn - possibly carved from a posterior horn of a Sumatran rhinoceros or *Dicerorhinus sumatrensis* -, was dyed with walnut, tree barks and sepia, and polished using cloth buffs and powdered ash of antler horn, showing through a warm cinnamon colour. Known in Chinese as

huángshǔkuí 黄蜀葵, the yellow hibiscus (**fig. 1**) or *Abelmoschus manihot* (L.) Medic., technically a shrub, is an annual or perennial flowering plant of the mallow family Malvaceae, and while once considered to be a species of *Hibiscus*, is now classified in the genus *Abelmoschus*, a plant also known as sunset hibiscus, or hibiscus manihot. Featuring palmate leaves with five to nine triangular lobes and irregularly serrate margins clearly seen in our cup, the yellow hibiscus blooms between August and October in South-central and Southwest China. Both the flowers, seeds, leaves, stem or stem bark and roots of the yellow hibiscus are used in Chinese traditional medicine as an analgesic, anti-inflammatory and antipyretic.

Two Chinese rhinoceros horn cups depicting yellow hibiscus flowers identical to the present one have been dated to the second



[fig. 1] Wang Gai, Wang Nie, Wang Shi, Flores de hibisco amarelo (do livro xilográfico *Jièzǐyuán huàchuán* ou *Manual de Pintura do Jardim da Semente de Mostarda*, 1679-1701), China, Nanquim, 1701; xilografura colorida sobre papel (27,5 x 32 cm). Londres, British Museum, inv. no. 1982,1011,0.21. | Wang Gai, Wang Nie, Wang Shi, Yellow hibiscus flowers (from the woodblock-printed book *Jièzǐyuán huàchuán* or *Mustard Seed Garden Manual of Painting*, 1679-1701), China, Nanjing, 1701; coloured woodblock print on paper (27.5 x 32 cm). London, British Museum, inv. no. 1982,1011,0.21. - © The Trustees of the British Museum.





[fig. 2] Anónimo, Taça de chifre de búfalo-asiático, China, século XVI (segunda metade); chifre de búfalo-asiático (5,2 x 15,4 cm). Vienna, Kunsthistorisches Museum, Sammlungen Schloss Ambras, inv. no. PA 815. | Anonymous, Water buffalo horn cup, China, 16th century (2nd half); buffalo horn (5.2 x 15.4 cm). Vienna, Kunsthistorisches Museum, Sammlungen Schloss Ambras, inv. no. PA 815. - © KHM-Museumsverband.

Duas taças chinesas de chifre de rinoceronte em forma de flor de hibisco amarelo idênticas à presente foram datadas da segunda metade do século XVI por Sir Harry Garner (1891-1977), um dos mais influentes estudiosos da arte chinesa no século XX, e também por Jan Chapman.¹ A primeira - provavelmente entalhada não em chifre de rinoceronte mas num dos seus substitutos mais antigos, o chifre de búfalo-asiático - do Kunsthistorisches Museum, Viena (fig. 2), surge registado pela primeira vez no inventário postmortem de 1596 do arquiduque Ferdinand II do Tirol (1529-1595), onde fazia parte da famosa e recuada coleção de *exotica* acumulada no Schloss Ambras, Innsbruck.² Apresentava originalmente montagens em metal precioso, hoje desaparecidas.

A segunda (fig. 3), em tudo idêntica à nossa, embora um pouco maior (8,8 x 13,4 cm), fazia parte de uma outra bem conhecida coleção de itens naturais exóticos (*naturalia*) e objectos preciosos e artificiosos (*artificialia*), o primeiro e mais volumoso gabinete de curiosidades inglês, o da família Tradescant. Reunido por John Tradescant o Velho (1570-1638) e seu filho John (1608-1662), num edifício chamado “A Arca” - cujo inventário foi publicado em 1656 sob o título *Musaeum Tradescantianum* -, situado em Lambeth, tornar-se-ia no primeiro museu aberto ao público na Inglaterra. Em 1659, John Tradescant o Jovem ofereceu-o a Elias Ashmole (1617-1692), que por sua vez legou toda a sua coleção em 1683 à Universidade de Oxford, que viria a ser o núcleo inicial do Ashmolean Museum.

Esta taça de chifre de rinoceronte surge, com efeito, registada no inventário de 1656 - “Cup of Rhinoceros horn” ou “Taça de chifre de ri-



[fig. 3] Anónimo, Taça de chifre de rinoceronte, China, século XVI (segunda metade); chifre de rinoceronte (8,8 x 13,4 cm). Oxford, Ashmolean Museum, inv. no. 1685 B no. 465. | Anonymous, Rhinoceros horn cup, China, 16th century (2nd half); rhinoceros horn (8.8 x 13.4 cm). Oxford, Ashmolean Museum, inv. no. 1685 B no. 465. - © Ashmolean Museum, University of Oxford.

half of the sixteenth century by Sir Harry Garner (1891-1977), one of the most influential scholars of Chinese art in the twentieth century, and by Jan Chapman.¹ The first - probably carved not from rhinoceros horn but from one of its most ancient substitutes, water-buffalo horn -, from the Kunsthistorisches Museum, Vienna (fig. 2), is first recorded in the 1596 postmortem inventory of archduke Ferdinand II of Tyrol (1529-1595) where it formed part of the famous, and early collection of *exotica* amassed at Schloss Ambras, Innsbruck.² It was originally fitted with precious mountings, which are now lost.

The second (fig. 3), identical in every regard to our present cup, albeit slightly larger (8.8 x 13.4 cm), was part of another well-known collection of exotic natural items (*naturalia*) and precious manmade objects (*artificialia*), the earliest major English cabinet of curiosities, that of the Tradescants. Amassed by John Tradescant the Elder (1570-1638) and his son John (1608-1662), housed in a building called “The Ark”, the inventory of which was published in 1656 as the *Musaeum Tradescantianum*, at Lambeth, was the first museum open to the public in England. In 1659 the Younger Tradescant gave the collection to Elias Ashmole (1617-1692), who in turn bequeathed his entire collection in 1683 to Oxford University and it subsequently became the nucleus of the Ashmolean Museum.

This surviving rhinoceros horn cup is in fact recorded in the 1656 inventory - “Cup of Rhinoceros horn” -, listed alongside Indian pepper boxes and “Divers dishes of mother of pearl”, which must

1 Harry Garner, *Chinese Export Art in Schloss Ambras*, London, Oriental Ceramic Society - Society of Antiquaries of London, 1975, pp. 14-15; R. Soame Jenyns, “The Chinese rhinoceros and Chinese carvings in rhinoceros horn”, *Transactions of the Oriental Ceramic Society*, 29, 1954, pp. 31-62, ref. pp. 52 and 55; e Jan Chapman, *The Art of Rhinoceros Horn Carving in China*, London, Christie's Books, 1999, p. 234.

2 Cf. Wilfried Seipel (ed.), *Exotica. Portugals Entdeckungen im Spiegel fürstlicher Kunst- und Wunderkammern der Renaissance* (cat.), Wien - Milano, Kunsthistorisches Museum - Skira, 2000, pp. 263-267, cat. no. 181 (entrada catalográfica de Johannes Weininger).

1 Harry Garner, *Chinese Export Art in Schloss Ambras*, London, Oriental Ceramic Society - Society of Antiquaries of London, 1975, pp. 14-15; R. Soame Jenyns, “The Chinese rhinoceros and Chinese carvings in rhinoceros horn”, *Transactions of the Oriental Ceramic Society*, 29, 1954, pp. 31-62, ref. pp. 52 and 55; and Jan Chapman, *The Art of Rhinoceros Horn Carving in China*, London, Christie's Books, 1999, p. 234.

2 Cf. Wilfried Seipel (ed.), *Exotica. Portugals Entdeckungen im Spiegel fürstlicher Kunst- und Wunderkammern der Renaissance* (cat.), Wien - Milano, Kunsthistorisches Museum - Skira, 2000, pp. 263-267, cat. no. 181 (catalogue entry by Johannes Weininger).

noceronte” –, arrolada junto com caixas indianas para especiarias e “Divers dishes of mother of pearl” ou “Diversos pratos de madrepérola”, sem dúvida produzidos no Guzarate (**veja-se cat. no 21**).³ Tanto o exemplar da colecção Tradescant como a presente taça são testemunhos eloquentes da arte de entalhar o chifre de rinoceronte nos finais da dinastia Ming (1368-1644), dos quais as principais características podem ser assim resumidas: taças em forma de flor, com pétalas entalhadas nas faces interior e exterior; assentes em suportes anelares tridimensionais vazados; as composições são pouco preenchidas, deixando bastante espaço livre para motivos individuais e texturas; e apresentam entalhe muito profundo, em alto relevo.⁴ Um terceiro exemplar muito semelhante, embora um pouco maior (11,5 x 19,4 cm), tem inscrito um poema e uma data que corresponde a 1582 (período Wanli), e foi recentemente publicado, comprovando uma datação de finais do século XVI para as quatro taças.⁵

Taças de chifre de rinoceronte, na origem provavelmente vasos sacrificiais, entalhadas na China a partir da dinastia Tang (618-907) e estimadas na Ásia desde tempos imemoriais dadas as suas propriedades medicinais (como antídoto para venenos) e virtudes mágicas, eram amplamente procuradas na Europa nos finais do Renascimento.⁶ Investigação documental recente pelo autor mostra como taças semelhantes – e também chifres de rinoceronte em bruto, um animal conhecido em Portugal como “abada”, da palavra malaia “badak” – eram avidamente colecionadas na corte de Lisboa. No inventário de 1591 de Claude Meunier, um rico mercador de origem francesa especializado em gemas e outros produtos exóticos da Ásia, regista “dous copos de corno d’abada que foram aulljados con dois pedaços de vnha em quatro mill reais”, junto com três rosários feitos de contas de chifre de rinoceronte e dois pedaços de chifre de rinoceronte.⁷ Um pequeno chifre de rinoceronte, com uma fenda, surge registado com o valor de 500 reais no inventário de 1592 de Briolanja Rodrigues, mãe de um mercador de têxteis especializado em tapetes.⁸

De igual forma, no inventário postmortem de 1610 de Stefano Lercaro (Estevão Lercaro), influente mercador de Génova, pró-consul da República Genovesa, que emprestara dinheiro a Felipe II de Espanha nas últimas décadas do século XVI, e que vivia em Lisboa perto da sé, registam-se “hũ coquinho de corno d’abada”, sobre o qual nada se diz sobre a origem, embora surja registado junto com outras mercadorias asiáticas, tais como dois tampos de mesa da China lacados de preto e ouro.⁹

have been Gujarati in origin (**see cat. no. 21**).³ Both the Tradescant and the present cup are eloquent testimonies of the art of late Ming (1368-1644) rhinoceros horn carving, of which the main features may be summarised as follow: cups are carved to resemble flowers with petals both inside and out; they stand on three-dimensional ringstands, carved in openwork; the compositions are uncrowded, allowing for plenty of space and texture for individual motifs; and they feature deep undercutting used to create very high relief.⁴ A third identical example, albeit slightly larger (11.5 x 19.4 cm), featuring a poem, inscribed with a date corresponding to 1582 (Wanli period), has recently been published, which proves the late sixteenth-century date for the four cups.⁵

Rhinoceros horn cups, carved in China from the Tang dynasty (618-907) onwards, possibly sacrificial vessels in origin, treasured in Asia since time immemorial due to their antidotal qualities and magical powers, were highly sought after in late Renaissance Europe.⁶ Recent archival research by the author shows that such cups – and whole rhinoceros horns in bulk, an animal known in Portugal as “abada”, from the Malay word “badak” – were avidly collected at the Lisbon court. In the 1591 inventory of Claude Meunier, a rich merchant of French origin who specialized in gems and other exotic goods from Asia, records “dous copos de corno d’abada que foram aulljados con dois pedaços de vnha em quatro mill reais” or two rhinoceros horn cups valued, with two pieces of a rhinoceros nail, in 4,000 *reais*, alongside three rosaries made from rhinoceros horn beads and two pieces of rhinoceros horn.⁷ A small, cracked rhinoceros horn is recorded, valued at 500 *reais*, in the 1592 inventory of Briolanja Rodrigues, the mother of a textile merchant specialised in carpets from Lisbon.⁸

Likewise, the 1610 postmortem inventory of Stefano Lercaro (Estevão Lercaro), an influential merchant from Genoa, pro-consul of the Genoese Republic, who loaned money to Felipe II of Spain in the last decades of the sixteenth century, and lived in Lisbon near the cathedral, records “hũ coquinho de corno d’abada” or “a small rhinoceros horn cup”, about which nothing is mentioned concerning its origin, despite being recorded alongside other Asian commodities, such as two Chinese tabletops lacquered in black and gold.⁹

3 John Tradescant, *Musaeum Tradescantianum, or a collection of rarities preserved at South-Lambeth near London*, London, Printed by John Grismond, 1656, p. 52.

4 Jan Chapman, *The Art* [...], p. 237.

5 Giuseppe Eskenazi, *Early Chinese metalwork in gold and silver; works of art of the Ming and Qing dynasties*, London, Eskenazi, 2011, pp. 54-57, cat. no. 17.

6 Veja-se Annemarie Jordan Gschwend, “Olisipo, Emporium Nobilissimum: Global Consumption in Renaissance Lisbon”, in Annemarie Jordan Gschwend, K.J.P. Lowe (ed.), *The Global City. On the Streets of Renaissance Lisbon*, London, Paul Holberton publishing, pp. 140-161, ref. p. 158.

7 Cf. Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas / Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa (a partir de agora DGLAB/ANNTT), *Feitos Findos*, Inventários postmortem, Letra C, Maço 47, Doc. 12, fl. 10 e 12 – inédito, aguardando publicação, com análise e comentário do seu conteúdo, pelo autor.

8 Cf. DGLAB/ANNTT, *Hospital de São José*, Livro 47, fol. 86v. Quero agradecer ao Pedro Pinto por ter partilhado comigo esta preciosa referência.

9 Cf. DGLAB/ANNTT, ex-A.H.M.E., *Cartório dos Conventos*, Convento de Santa Marta de Jesus, Caixa 200, Pasta 232, Documento 31, fls. 10-14, ref. fl. 12v. – inédito, aguardando publicação, com análise e comentário do seu conteúdo, pelo autor. Sobre Stefano Lercaro, veja-se Nunziatella Alessandrini, “La presenza genovese a Lisbona negli anni dell’unione delle corone (1580-1640)”, in Manuel Herrero Sánchez, et al. (eds.), *Génova y la Monarquía Hispánica (1528-1713)*, Genova Società Ligure di Storia Patria, 2011, pp. 73-98.

3 John Tradescant, *Musaeum Tradescantianum, or a collection of rarities preserved at South-Lambeth near London*, London, Printed by John Grismond, 1656, p. 52.

4 Jan Chapman, *The Art* [...], p. 237.

5 Giuseppe Eskenazi, *Early Chinese metalwork in gold and silver; works of art of the Ming and Qing dynasties*, London, Eskenazi, 2011, pp. 54-57, cat. no. 17.

6 See Annemarie Jordan Gschwend, “Olisipo, Emporium Nobilissimum: Global Consumption in Renaissance Lisbon”, in Annemarie Jordan Gschwend, K.J.P. Lowe (ed.), *The Global City. On the Streets of Renaissance Lisbon*, London, Paul Holberton publishing, pp. 140-161, ref. p. 158.

7 Cf. Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas / Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa (henceforth DGLAB/ANNTT), *Feitos Findos*, Inventários postmortem, Letra C, Maço 47, Doc. 12, fol. 10 and 12 – unpublished, pending publication, with analysis and commentary on its contents, by the author.

8 Cf. DGLAB/ANNTT, *Hospital de São José*, Livro 47, fol. 86v. I wish to thank Pedro Pinto for sharing with me this precious reference.

9 Cf. DGLAB/ANNTT, ex-A.H.M.E., *Cartório dos Conventos*, Convento de Santa Marta de Jesus, Caixa 200, Pasta 232, Documento 31, fols. 10-14, ref. fol. 12v. – unpublished, pending publication, with analysis and commentary on its contents, by the author. On Stefano Lercaro, see Nunziatella Alessandrini, “La presenza genovese a Lisbona negli anni dell’unione delle corone (1580-1640)”, in Manuel Herrero Sánchez, et al. (eds.), *Génova y la Monarquía Hispánica (1528-1713)*, Genova Società Ligure di Storia Patria, 2011, pp. 73-98.

A alta estima granjeada por estes materiais exóticos e sua presença na corte de Lisboa é igualmente documentada no inventário postmortem de 1631 de D. Garcia de Melo e Torres (1580-1630) - pai de D. Francisco de Melo e Torres (1620-1667), primeiro marquês de Sande - capitão e vedor em Goa do Estado Português da Índia.¹⁰ Registam-se seis chifres de rinoceronte ou “pontas de abada”, avaliados em 12.000 reais ou 2.000 reais cada, o mesmo valor atribuído a uma presa inteira de marfim entalhado com figuras ou a uma gaveta japonesa coberta de couro preto. Um almofariz de chifre de rinoceronte torneado é igualmente registado com seu pilão, avaliado em 400 reais, e finalmente um chifre de rinoceronte pequeno, avaliado em 500 reais. É de sublinhar como tão exótico e precioso material, avidamente procurado por reis e príncipes para as suas mesas dadas as suas qualidades profiláticas enquanto antídoto do chifre de rinoceronte, foi utilizado no fabrico de objectos usados para a preparação de remédios em boticas palatinas.

10 Cf. DGLAB/ANTT, *Arquivo dos Condes da Ponte*, Caixa 3 (Mello e Torres), Doc. MT-10, pp. 36-37 e 47 - inédito, aguardando publicação, com análise e comentário do seu conteúdo, pelo autor.

The high esteem granted to such exotic materials and their presence at the Lisbon court is also documented from the 1631 post-mortem inventory of Garcia de Melo e Torres (ca. 1580-1630) - father of Francisco de Melo e Torres (1620-1667), the first Marquis of Sande -, captain and financial superintendent in Goa of the Portuguese State of India.¹⁰ It records six rhinoceros horns or “pontas de abada”, valued at 12,000 *reais* or 2,000 *reais* each, the same value given to a whole ivory tusk carved with figures or to a Japanese box with its drawer covered in black animal hide. A turned rhinoceros horn mortar is also recorded with its pestle, valued at 400 *reais*, and finally a small rhinoceros horn, valued at 500 *reais*. It is curious to note that such prized exotic material, avidly sought after by princely collectors for their royal tables for their prophylactic qualities, as antidotes, was used to make vessels used for the preparation of medicines at courtly apothecaries or *boticas*.

10 Cf. DGLAB/ANTT, *Arquivo dos Condes da Ponte*, Caixa 3 (Mello e Torres), Doc. MT-10, pp. 36-37 and 47 - unpublished, pending publication, with analysis and commentary on its contents, by the author.





Hugo Miguel Crespo

À Mesa do Príncipe

*Jantar e Cear na Corte de Lisboa (1500-1700):
prata, madrepérola, cristal de rocha e porcelana*

At the Prince's Table

*Dining at the Lisbon Court (1500-1700):
silver, mother-of-pearl, rock crystal and porcelain*



Com textos de
With contributions by

Annemarie Jordan Gschwend, Sasha Assis Lima, Letizia Arbeteta Mira



Março 2018 | March 2018

Coordenação Geral / General Coordination

Pedro Aguiar-Branco
Álvaro Roquette

Autor / Author

Hugo Miguel Crespo
Centro de História da Universidade de Lisboa

Com textos de / With contributions by

Annemarie Jordan Gschwend
Centro de Humanidades, Lisboa

Sasha Assis Lima

Letizia Arbeteta Mira

Cuerpo Facultativo de Conservadores de Museos, Madrid

Apoio executivo / Executive support

Diogo Aguiar-Branco
Davide Camilo

Fotografia / Photography

© Onshot / Rui Carvalho
© Pedro Lobo

Tradução / Translation

Hugo Miguel Crespo
Centro de História da Universidade de Lisboa

Design Gráfico / Graphic Design

Pedro Gonçalves

Impressão / Printing

Norprint - a casa do livro

ISBN

978-989-96180-4-6

Depósito legal / Legal registration

XXXXXXXXX

Rua D. Pedro V, n.º 69 1250 - 093 Lisboa, Portugal
Tel.: +351 213 421 682

19, Rue de Beaune 75007 Paris, France
Tel.: +33 1 42 61 23 30

www.pab.pt

Pedro Aguiar-Branco
e-mail: pab@pab.pt
Tel.: +351 93 241 65 90

Álvaro Roquette
e-mail: alvaro.roquette@gmail.com
Tel.: +33 6 73 31 91 65

Agradecimentos / Acknowledgments

Agradecemos as colaborações sábias e amigas da Letizia Arbeteta Mira, da Annemarie Jordan Gschwend e da Sasha Assis Lima. Um abraço ao Hugo Miguel Crespo impulsor e entusiasta do projecto, ao Pedro Gonçalves, designer do livro e ao Pedro Lobo fotógrafo das peças. A todos aqueles que tornam possível o sucesso da AR-PAB começando por todos os elementos da equipa, Susana, Diogo, Davide e Hugo. | We wish to thank for the wise and friendly contributions of Letizia Arbeteta Mira, Annemarie Jordan Gschwend and Sasha Assis Lima. A hug to Hugo Miguel Crespo, promoter and enthusiast of the project, Pedro Gonçalves, designer of the book and Pedro Lobo, photographer of the pieces. And to all of those who make possible the success of AR-PAB, starting with every element of our team, Susana, Diogo, Davide and Hugo.

Índice

Contents



Rainha d'Aquém e d'Além-Mar. Jantar e Cear à Mesa de D. Catarina de Áustria na Corte de Lisboa
Queen of the Seas and Overseas. Dining at Catherine of Austria's Table at the Lisbon Court
Annemarie Jordan Gschwend
10

À Mesa do Príncipe. Jantar e Cear na Corte de Lisboa (1500-1700)1
At the Prince's Table: Dining at the Lisbon Court
(1500-1700)1
Hugo Miguel Crespo
50

Catálogo
Catalogue
115

Sobre o Vinho em Portugal (1500-1700)
On Wine in Portugal (1500-1700)
Sasha Assis Lima
208

Dois vasos de cristal de rocha para a mesa principesca
Two rock-crystal vases for a princely table
Letizia Arbeteta Mira
246

Apêndice
Appendix
265